

UMA CASA OU UM LAR? - UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO DOS RESIDENTES EM UM CONJUNTO DE HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL COM SEU LOCAL DE MORADIA

UNA CASA O UN HOGAR? - ANÁLISIS DE LA RELACIÓN DE LA POBLACIÓN DE
UN CONJUNTO DE VIVIENDAS DE INTERES SOCIAL CON SU HABITACIÓN

A HOUSE OR A HOME? - AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP OF THE
RESIDENTS OF A SOCIAL'S HOUSE PROGRAM WITH YOUR HOUSING PLACE

EIXO 3 – Interfaces entre universidade e sociedade através do projeto: ensino, pesquisa e extensão.

**Silvia Fernandes Cavalcanti Campos¹, Lilian Brito de Macedo²,
Gleice Azambuja Elali³**

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFRN,

² Arquiteta e Urbanista pela UFRN

³ Dra. em Arquitetura e Urbanismo, docente PPGAU/UFRN

Resumo: Este artigo analisa a relação existente entre os moradores de um condomínio vertical criado como parte do programa 'Minha Casa Minha Vida' e seu local de moradia, com ênfase para sua satisfação, adaptação e acomodação. Para tanto foram consideradas as condições vivenciadas anteriormente - em casas alugadas e em possíveis condições de precariedade - e, principalmente, o surgimento do sentido de lar. O objeto de estudo foi o condomínio vertical Waldemar Rolim, no bairro Vale do Sol, na cidade de Parnamirim, Rio Grande do Norte, composto por 31 blocos de quatro pavimentos, com quatro apartamentos por andar, totalizando 496 unidades habitacionais. Além de walkthrough e visita técnica, foi realizada observação de comportamentos e aplicação de questionário a 80 moradores, os quais deveriam ter mais de um ano de residência no local. Os resultados mostram que apesar da avaliação técnica ter sido insatisfatória, em especial com relação à qualidade construtiva e às condições de manutenção, os moradores se mostram satisfeitos com a moradia demonstrando apego a ela, sentimento que se expande até o entorno imediato, porém não atinge o conjunto como um todo, o que dificulta o cotidiano do empreendimento.

Palavras-chave: Relações pessoa-ambiente; Habitações de interesse social; Satisfação dos usuários.

Resumen: En este trabajo se analiza la relación entre los residentes de un condominio vertical, creadas como parte de la 'Minha Casa Minha Vida' y su lugar de residencia, haciendo hincapié en su satisfacción, adaptación y acomodación. Para ambas condiciones se consideraron experimentado antes - en casas alquiladas y las posibles condiciones de precariedad - y sobre todo la aparición de una sensación de hogar. El objetivo del estudio fue el condominio vertical, Waldemar Rolim, el barrio Vale do Sol, en la ciudad de Parnamirim, Rio Grande do Norte, compuesto por 31 bloques de cuatro pisos con cuatro apartamentos por piso, por un total de 496 unidades de vivienda. Además tutorial y visita técnica se realizó la observación del comportamiento y un cuestionario a 80 residentes, que deben tener más de un año de residencia en el lugar. Los resultados muestran que a pesar de la evaluación técnica no ha sido satisfactorio, especialmente en relación con la construcción y mantenimiento de las condiciones de calidad, residentes satisfechos con la casa demostración apego a ella, sentir que se expande a los alrededores, pero no alcanza el conjunto como un todo, lo que hace que el negocio de todos los días.

Palabras clave: relaciones persona-ambiente, viviendas de interés social, la satisfacción de los usuarios.

Abstract: This paper analyzes the relationship between the residents of a vertical condominium created as part of the 'Minha Casa Minha Vida' and her place of residence, with emphasis on your satisfaction, adaptation and accommodation. For both conditions were considered experienced before - in rented houses and possible conditions of precariousness - and especially the emergence of a sense of home. The object of study was the vertical condominium

Waldemar Rolim, the Vale do Sol neighborhood, in the city of Parnamirim, Rio Grande do Norte, composed of 31 blocks of four floors with four apartments per floor, totaling 496 housing units. Besides walkthrough and technical visit was made observing behavior and a questionnaire to 80 residents, which should have more than one year of residence on site. The results show that despite the technical evaluation has been unsatisfactory, especially with regard to quality construction and maintenance conditions, residents satisfied with the show house showing attachment to it, feeling that expands to the immediate surroundings, but does not reach the set as a whole, which makes the daily business.

Keywords: *person-environment relations; Dwellings social interest, satisfaction of users.*

UMA CASA OU UM LAR? - UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO DOS RESIDENTES EM UM CONJUNTO DE HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL COM SEU LOCAL DE MORADIA

INTRODUÇÃO

A moradia de uma população reflete os valores socioculturais de sua época e região, mostrando claramente as necessidades do homem, que ultrapassando o requisito básico “abrigo”, também estão relacionadas às necessidades psicológicas de identidade, apropriação do espaço e harmonia com o mundo (ITTELSON, PROSHANSKY, RIVLIN, WINKEL, 1974; RAPOPORT, 1969; CERTEAU, 1984), estando diretamente associadas à qualidade de vida, e contribuindo para a saúde e o bem estar das pessoas (MOSER, 2005).

Paralelamente, por todo o mundo, a renovação nas áreas residenciais é uma necessidade constante, e se tornou uma ampla área de investigação, enfocando em especial o nível de satisfação dos usuários em relação aos novos ambientes e seu processo para apropriar-se (ou não) destes locais.

Nesse sentido, a diferenciação entre casa e lar (correspondente, em inglês, ao binômio house / home) tem se mostrado um importante tema a investigar (ELALI, 2006), uma vez que promove a associação entre conceitos como bem-estar (social e individual), espaço vivido, ligação afetiva com o lugar (ELALI, MEDEIROS, 2011) e avaliação da qualidade de vida em um lugar.

Somando-se ao tempo de residência, às relações familiares e de amizade, à segurança e conforto (CHAWLA, 1992; SMITH, 1994), uma avaliação positiva em relação à qualidade de vida em um lugar, permitindo que as funções desejadas pelos seres que o habitam sejam adequada e plenamente realizadas, é uma das causas do surgimento do sentimento de apego (TASSARA *et al*, 2004). No entanto, se o ambiente deixar de responder a tais necessidades, o sentimento de apego pode ser atenuado, de modo que a mudança passa a ser entendida como algo positivo, mesmo que sejam mantidas outras condições.

Graumann (1988 apud SPELLER, 2005) define apropriação do espaço como “mais do que aquisição, é manutenção, que em regra significa trabalho”, é personalizar, decorar e até mesmo destruir. Lawrence (1987 apud Speller, 2005) questionou “o que torna sua casa um lar”, buscando compreender o que significa uma casa para as pessoas, não restringindo a definição a ações meramente psicológicas, correspondendo a uma composição física transformada por processos psicológicos e sociais relacionados à decoração, personalização e uso, dando sentido e significado no tempo, o que pode estar caracterizado também como apropriação.

Com base nesse quadro geral, o objetivo principal da pesquisa efetuada foi entender como está acontecendo a adaptação dos moradores a um conjunto de Habitações de Interesse Social (apartamentos com 48 m², formados por dois quartos e um banheiro). Ressalte-se que tal população habita no local há cerca de 2 anos, tem renda mensal básica entre um e dois salários mínimos e, em sua maioria residia anteriormente em moradias térreas com condições precárias, entretanto, próximo a familiares e ao centro urbano, e dotadas de quintal ou terraço. Busca-se entender como esta população percebe a nova moradia, se ela atende suas necessidades básicas e permite o surgimento de relações de apego e do sentido de lar. Para tanto, compreender o significado de lar para aquelas pessoas facilitou a compreensão de suas necessidades e a indicação de adequações projetuais que viabilizariam uma melhor ocupação daquele local.

MÉTODO

Estrategicamente, o estudo realizado recorreu à Avaliação Pós-Ocupação (APO) tendo como base multimétodos (GUNTHER, ELALI, PINHEIRO, 2002; SOMMER, SOMMER, 2002).

A APO caracteriza-se como um conjunto de métodos e técnicas que identificam fatores positivos e negativos do ambiente no decorrer do seu uso, analisando fatores socioeconômicos, de infraestrutura e superestrutura urbana dos empreendimentos, bem como seus aspectos construtivos, estéticos, funcionais

e comportamentais (ROMÉRO, ORNSTEIN, 2003). Para tanto, são levados em consideração não somente o ponto de vista dos pesquisadores/avaliadores, mas também o de projetistas, empreendedores, administradores e, sobretudo, o dos usuários. Recorrendo a diversas modalidades de levantamento, análise e recomendações retiradas dos dados encontrados, a APO é considerada um instrumento de controle de qualidade, proporcionando a retroalimentação dos estudos de casos e subsídios a novos projetos.

Na realidade brasileira, a realização de APOs se torna ainda mais relevante no caso de programas de habitação de interesse social, pois, no intuito de atender a enorme demanda existente, as soluções (urbanísticas, arquitetônicas e construtivas) se repetem em larga escala por todo território nacional, desconsiderando a heterogeneidade da população a ser atendida, cujo repertório cultural, hábitos e crenças, que podem ser bastante distintos, mesmo em pequenas localidades ou no âmbito de um empreendimento.

Em linhas gerais a APO realizada recorreu a:

- Walkthrough - combinando observação e diálogo a fim de identificar aspectos positivos e negativos do ambiente. O percurso realizado abrangeu todos os espaços, complementando as informações com fotografias e croquis gerais possibilitando a familiarização com o edifício.
- Vistoria Técnica – para atualização do projeto e documentação do estado atual de manutenção.
- Observação comportamental – realizada de modo informal nas áreas comuns, de modo a averiguar os principais tipos de uso naquele local.
- Questionário aplicado aos moradores a partir de visita domiciliar que abrangeu 80 das 496 unidades residenciais existentes (16%). Como critérios para seleção dos participantes foram definidos: (i) igual proporção de apartamentos voltados para leste (nascente) e oeste (poente); (ii) que o respondente tivesse mais de 18 anos e morasse no conjunto há um ano, no mínimo. O instrumento foi desenvolvido em 03 partes: na primeira os respondentes foram caracterizados socioeconomicamente (sexo, idade, estado civil, ocupação atual, local de trabalho, tempo que vive na casa atual, quantidade de moradores na

unidade e sua relação de parentesco); na segunda foram investigadas as alterações introduzidas na residência (ampliações, modificações, adaptações e acréscimos independentes da casa original) e a moradia anterior (local, cômodos, relações de vizinhança); a terceira acontecia a avaliação da qualidade da habitação atual e vizinhança e da satisfação em relação elas; indicação de pontos positivos e negativos das áreas comuns, serviços e equipamentos, bem como das atividades mais realizadas; investigação da existência de um senso de comunidade e entendimento do que seria considerado um local ideal para viver.

ESTUDO DE CASO: CONDOMÍNIO WALDEMAR ROLIM

Diante do acentuado crescimento da fatia da construção civil brasileira voltada para o atendimento das populações de baixa renda, algumas soluções tem se repetido mais constantemente. Em Natal, as habitações verticais multifamiliares, constituídas por edifícios com quatro pavimentos, tem sido uma das soluções frequentemente utilizadas, o que motivou a escolha das pesquisadoras por esse tipo de iniciativa.

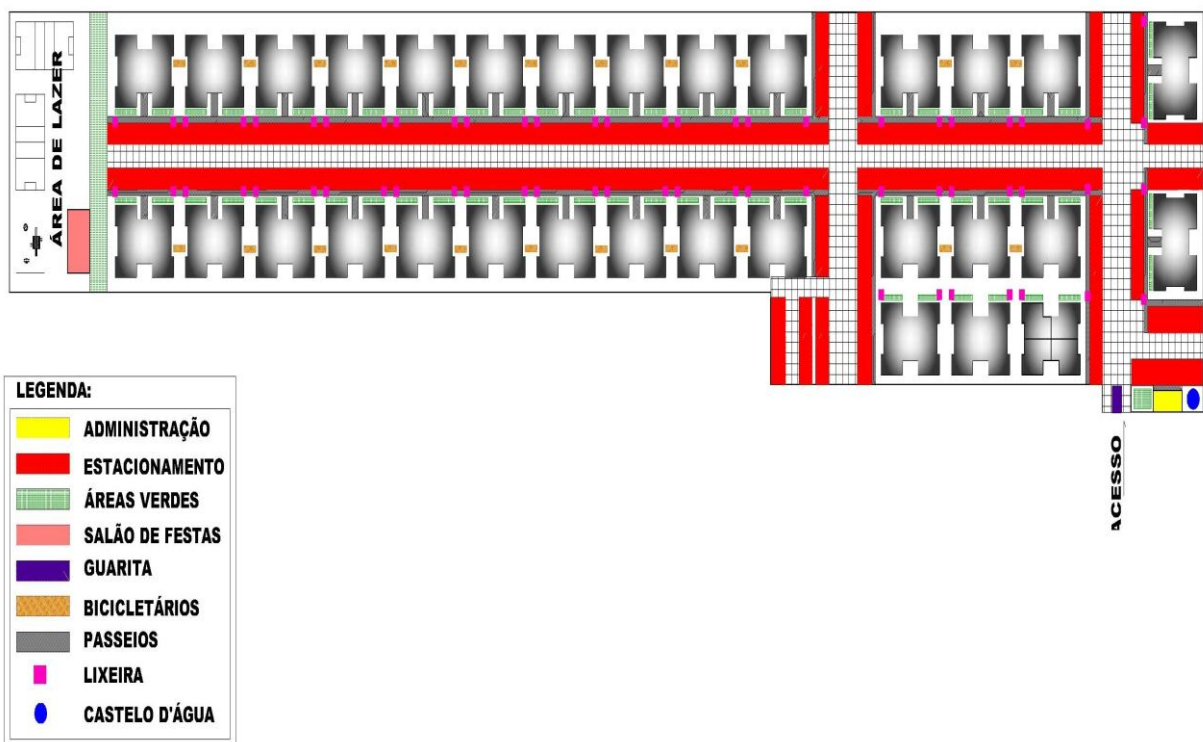
O Condomínio Waldemar Rolim (Figura 1) foi o segundo empreendimento do programa 'Minha Casa, Minha Vida' (MCMV) entregue pela Prefeitura de Parnamirim/RN e Caixa Econômica Federal a famílias com renda entre 1 e 2 salários mínimos. O Condomínio, ocupado a partir de novembro de 2011, está dividido em 31 blocos de 16 apartamentos cada (total: 496 apartamentos). De acordo com reportagem veiculada no Correio Popular (2013), Parnamirim detém 47% da cota do programa MCMV destinada ao Rio Grande do Norte, e até o final do primeiro semestre de 2012, foram entregues no município 3.728 apartamentos semelhantes àqueles.

O condomínio está implantado em terreno com área total aproximada a 23.000m² (Figura 02) e, além dos blocos de apartamentos (200m² de projeção), a área comum conta com salão de festas, duas quadras descobertas, *playground*, estacionamento para veículos, bicicletário e guarita com segurança.

Figura 01: Imagem do Condomínio Waldemar Rolim, no ato de entrega.
Fonte: <http://www.parnamirim.rn.gov.br/>



Figura 02: Esquema Geral da Implantação do Condomínio Waldemar Rolim.



Durante a pesquisa foi possível notar acentuado cuidado com as áreas mais próximas aos apartamentos, como hall e jardins dos blocos, em contraste do que acontece com setores mais distantes como a área de lazer, cuja manutenção é precária e a aparência geral é de descuido.

De acordo com informações dadas pelos moradores, os espaços ao redor dos blocos são mantidos pelas famílias mais próximas e, em geral, possibilitam a ampliação de seus espaços particulares, muitas vezes sendo utilizados como quintal ou jardim, para estender roupas, guardar itens, brincadeiras infantis e realização de comemorações, como mostra a Figura 03.

Figura 03: Imagens das áreas comuns do Condomínio Waldemar Rolim, nos setores próximos aos blocos.

Fonte: Pesquisador



Em relação às áreas de lazer e equipamentos mais distantes das unidades habitacionais, como o salão de festas, a quadra descoberta e o playground infantil, a depredação e o vandalismo são facilmente verificáveis (Figura 04). Apenas dois anos após a entrega do empreendimento aos moradores, tais espaços não apresentam condição de utilização: o piso está muito estragado; vidros e esquadrias estão quebrados; lâmpadas, tomadas, bocais e até a fiação foram retirados.

Figura 04: Imagens das áreas comuns do Condomínio Waldemar Rolim, nos setores mais distantes das habitações.

Fonte: Pesquisador

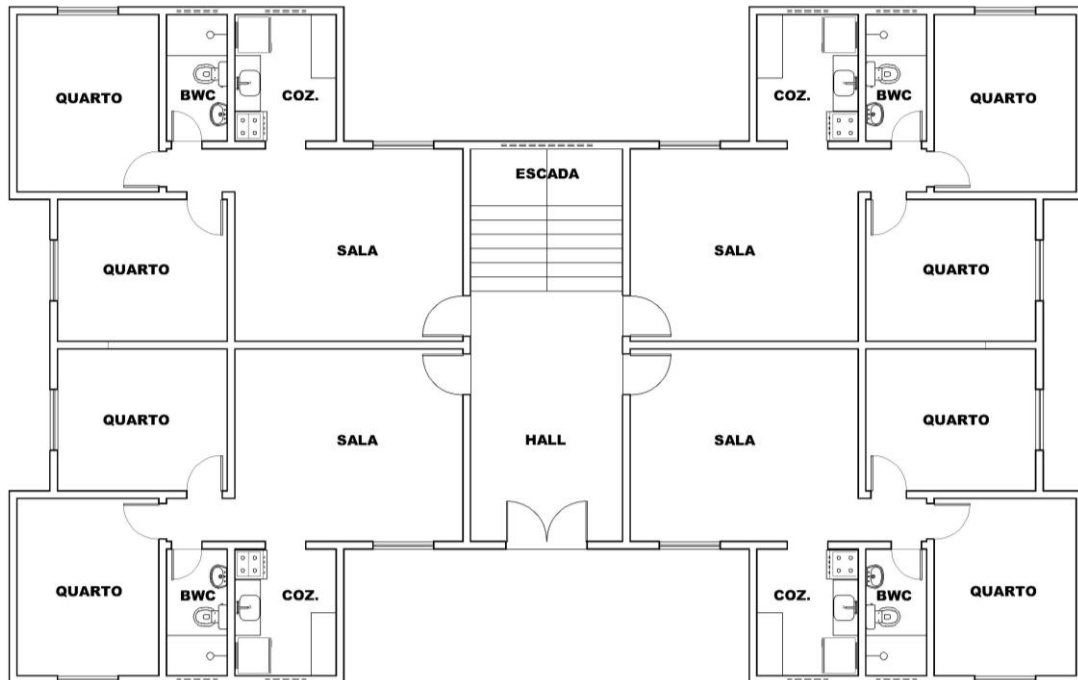


A UNIDADE HABITACIONAL

O apartamento (Figura 5) é composto por uma sala para dois ambientes, cozinha, um banheiro e dois quartos, totalizando aproximadamente 48m². A configuração espacial do pavimento tipo e o desenho do apartamento são usuais em habitações de interesse social, com espaços reduzidos, notadamente na cozinha.

Todos os cômodos têm janelas para ventilação/iluminação natural, no entanto, a disposição dos apartamentos, em quatro orientações diferentes, faz com que alguns sejam mais agradáveis em termos de conforto (os localizados a sudeste), enquanto outros são termicamente bastante desconfortáveis (noroeste).

Figura 05: Croqui do Pavimento-tipo do Condomínio Waldemar Rolim.
Fonte: Pesquisador



Em termos construtivos os blocos foram executados em alvenaria estrutural, com acabamento bastante simples.

Na área interna, é evidente a personalização dos espaços para sua adequação ao perfil de cada usuário (Figura 06); note-se, ainda, que algumas unidades apresentam condições (sobretudo de mobiliário e acabamento) que indicam sua ocupação por famílias de renda mensal superior àquela a qual se destinava inicialmente o empreendimento, embora esta não seja uma constante.

Figura 06: Imagens das áreas internas de uma unidade do Condomínio Waldemar Rolim.
Fonte: Pesquisador



OS MORADORES

A abordagem de usuários diretamente se mostrou tarefa eficiente na obtenção de dados. Participaram da pesquisa 80 respondentes, cujo perfil (Tabela 01) atingiu certa uniformidade: mulheres (73,75%), com idade entre 30 e 50 anos, escolaridade máxima de 2º Grau (88%), casadas (49%), trabalhadoras (57%) e que não possuem meio de transporte próprio (55%).

No que se refere à quantidade de pessoas residentes nas unidades habitacionais (Tabela 02), maior parte das unidades comporta de 2 a 5 moradores, geralmente a família tradicional (pais e filhos) ou um adulto com filhos.

Tabela 01: Caracterização socioeconômica dos respondentes.

Parâmetro		Respondentes	Parâmetro		Respondentes
Sexo	Masculino	21	Ocupação atual	Trabalha	46
	Feminino	59		Estuda	11
Idade	Até 30 anos	30		Sem Ocupação	23
	De 30 a 50 anos	43	Local de trabalho	Parnamirim	34
	Mais de 50 anos	7		Natal	8
Estado civil	Casado	39		Outro	15
	Solteiro	35	Meio de transporte	Carro	11
	Divorciado	6		Moto	16
Escolaridade	1º grau	38		Bicicleta	9
	2º grau	33		Não possui	44
	3º grau	4			
	Sem escolaridade	5			

Tabela 02: Quantidade de habitantes por apartamento.

Número de habitantes	Respondentes
1	02
2 ou 3	36
4 ou 5	29
6 ou 7	11
8 ou 9	02

A MORADIA ANTERIOR

Antes de receber o apartamento do programa MCMV, a maioria dos respondentes não possuía casa própria, o que é uma das condições para acesso ao programa, estando de acordo com a política governamental. A maior parte das antigas residências localizava-se em áreas urbanas (65%) e era

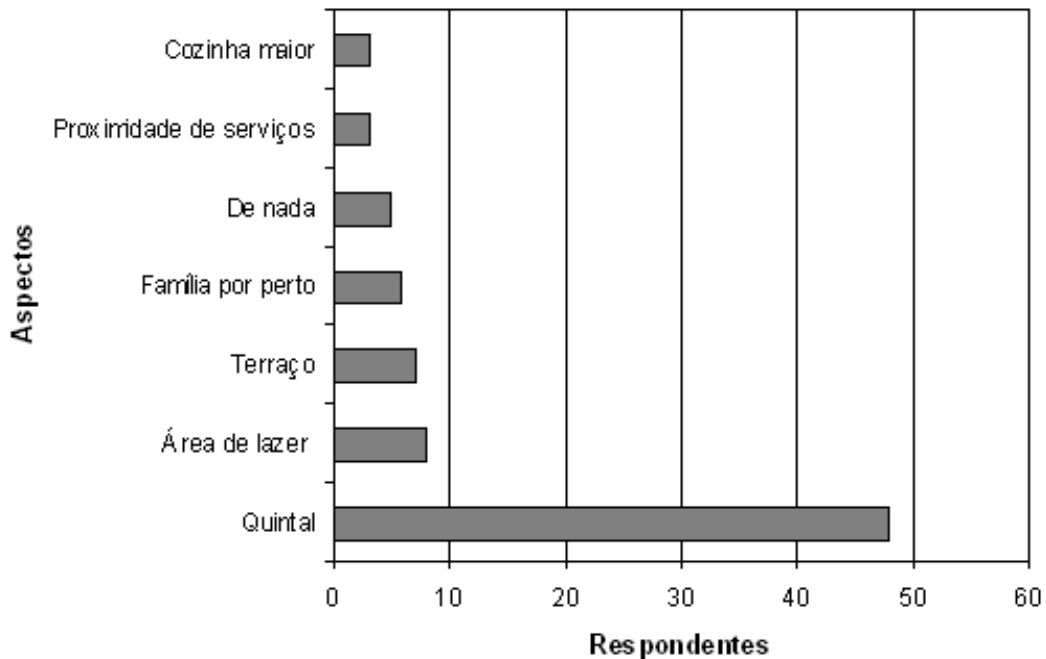
formada de casas (98%). Esse último dado, em particular, é interessante, uma vez que o empreendimento entregue é um condomínio de apartamentos, o que poderia levar a uma insatisfação dos moradores. Os espaços internos das antigas moradias se assemelhavam aos do empreendimento entregue, uma vez que 52,5% dos respondentes disseram que a antiga moradia tinha 2 quartos e 91,25% disseram que tinha 1 banheiro (Tabela 03).

Tabela 03: Aspectos que caracterizam a antiga moradia do respondente.

Aspectos		Respondentes	
Propriedade	Própria	5	
	Alugada	49	
	De favor	26	
Localização	Área urbana	52	
	Área rural	21	
	Periferia	7	
Tipo	Casa	78	
	Apartamento	2	
Espaço interno	Nº de quartos	1	28
		2	42
		3	10
	Nº de banheiros	1	73
		2	7

Solicitados a listarem três fatores que sentem falta em relação à antiga moradia (Figura 07), os respondentes indicaram: quintal (60%), terraço e área de lazer. O primeiro item era esperável, uma vez que 98% das antigas moradias eram casas, o mesmo se repetindo com relação ao terraço, que, em um apartamento pequeno, poderia significar uma amplitude adicional, pela simples possibilidade de “sair das quatro paredes”. No entanto, a última indicação surpreende, uma vez que o conjunto conta com um espaço para lazer estruturado, porém visivelmente pouco utilizado.

Figura 07: Fatores da antiga moradia que fazem falta aos respondentes (gráfico).



A NOVA MORADIA

Especificamente no tocante à moradia no MCMV foi perguntado se o participante estava satisfeito com sua nova moradia, obtendo-se 83,8% de respostas afirmativas. Ao comparar a moradia atual com a antiga (Figura 08), 76%, disseram que é melhor que a anterior, mesmo admitindo existirem cômodos que desejaria ampliar ou construir, caso isso fosse possível (Figura 09): 58% gostariam de reformar a cozinha, 14% melhorariam a área de serviço e outros 14% construiriam um terraço. Justificando essas respostas, é preciso enfatizar que, como a moradia anterior era térrea, o pequeno espaço destes cômodos era compensado pela área lindeira, utilizada para estender roupas, limpar peixe, lavar panelas, e outras utilidades domésticas, opção não disponível no apartamento.

Complementando essa informação, ao analisarem alguns tópicos relacionados às características da nova moradia (Figura 10), os participantes a compararam com a moradia anterior. Em sua avaliação foram indicados como mais positivos aspectos relacionados com a condição da unidade habitacional em si (tais como: abastecimento de água, segurança, materiais de acabamento e relação com vizinhos imediatos) e como mais negativos aspectos relativos ao

entorno/localização do empreendimento (por exemplo: proximidade do condomínio com o local de trabalho, escolas, creches e postos de saúde; acesso a transportes e áreas verdes; pavimentação/iluminação das vias de acesso).

Figura 08: Qualificação da nova moradia em relação a anterior.

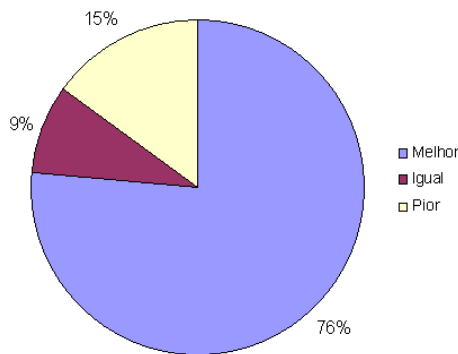


Figura 09: Prioridade de reforma.

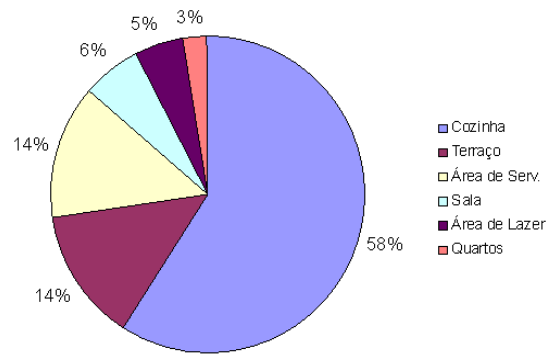
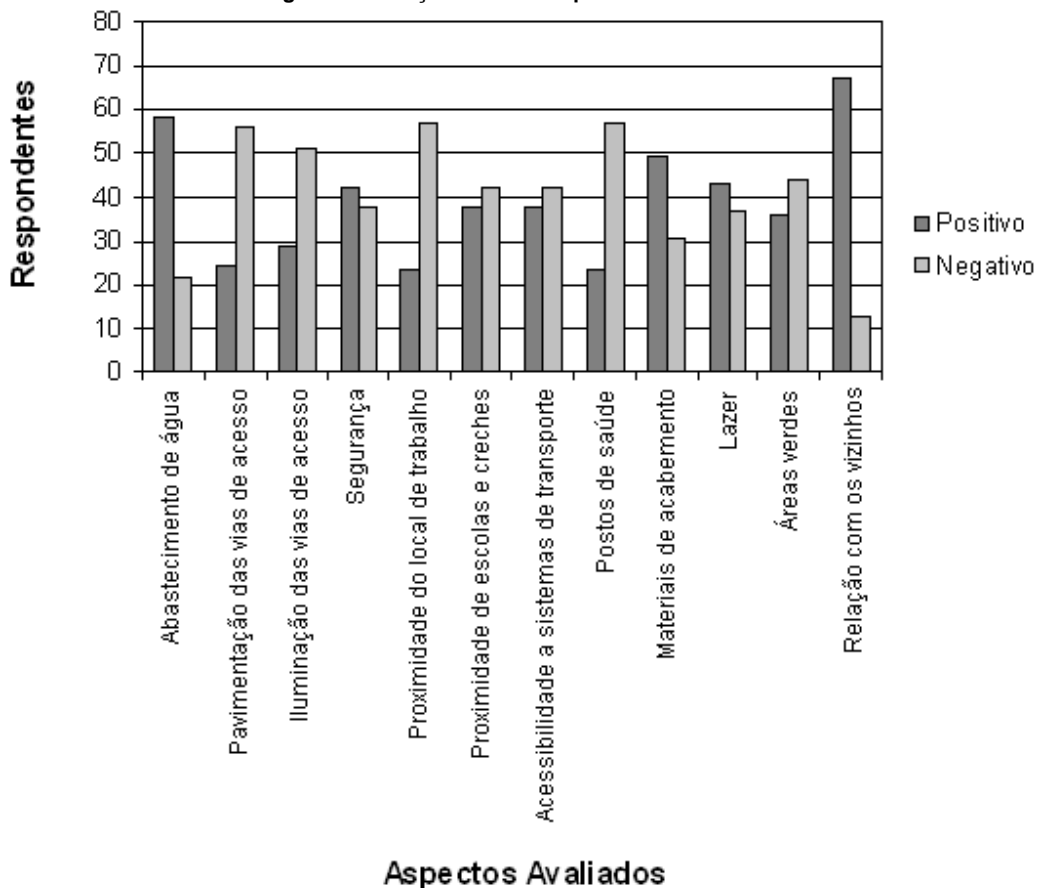


Figura 10: Relação moradia e qualidade ambiental.



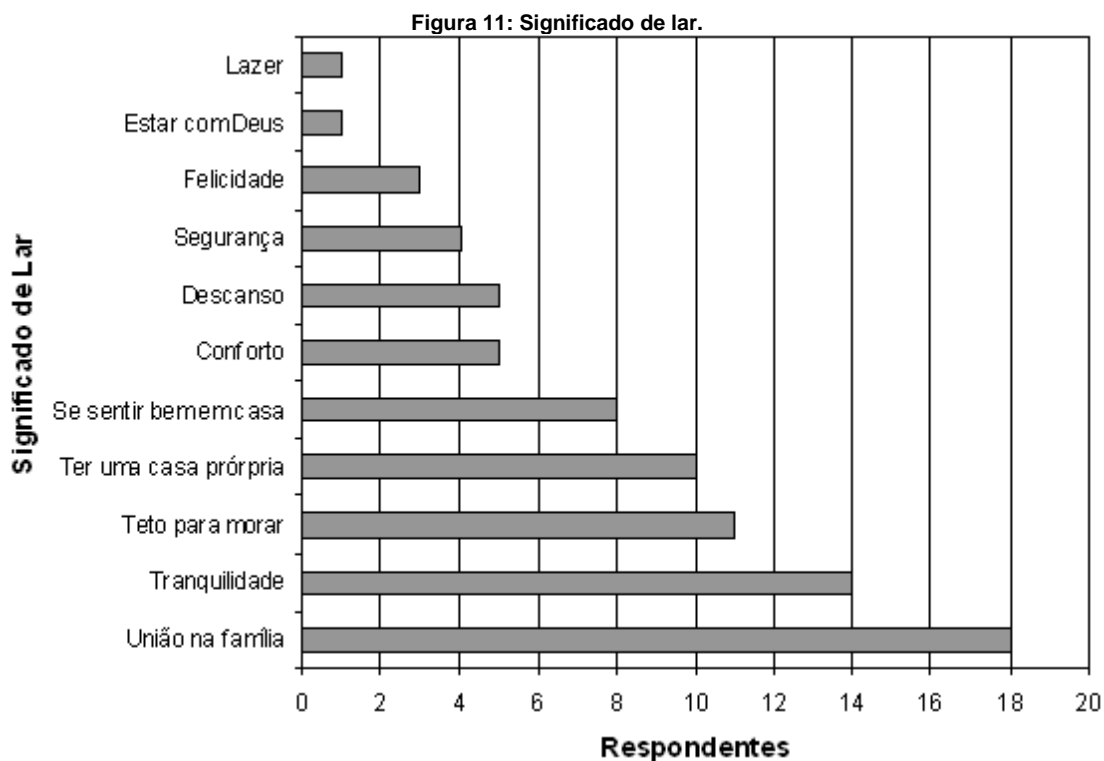
SOBRE CASAS E LARES...

Sob uma perspectiva mais subjetiva, procurou-se entender como estão se configurando as relações de apego dos moradores com o Conjunto Habitacional em estudo.

Em sua grande maioria, os respondentes se mostram satisfeitos com a moradia, e afirmam que não gostariam de voltar para a antiga moradia, quer pela maior qualidade do apartamento com relação a ela, quer pelo preço, pois o valor da prestação paga oscila entre R\$ 50,00 e R\$ 120,00, variando de acordo com a renda mensal, sendo inclusive inferior ao aluguel anterior (considerado incompatível com os seus salários na época).

A grande maioria dos participantes considera sua moradia atual um lar (93,8%) e, no momento em que foi exposto a esta pergunta exibiu um sentimento de satisfação ao dar uma resposta afirmativa. O lar foi rapidamente associado ao fato da família poder dispor de uma casa própria, o que corrobora a ideologia nacionalmente difundida nas últimas décadas e reforçada pelo programa MCMV. Embora, por si, o status de proprietário não possa ser indicativo do apego ao lugar, as famílias brasileiras de baixa renda o associam diretamente a aspectos mais pessoais e sensíveis, como ter “um teto para morar” e “tranquilidade” para as famílias, condição que torna possível maior “união” e “sentir-se bem” (Figura 11).

Confirmando essa perspectiva, grande parte dos participantes demonstrou ter apreciado (e valorizado) a oportunidade de mudança, apesar das dificuldades infraestruturais vivenciadas. Vários destes respondentes fizeram questão de demonstrar sua insatisfação com a moradia anterior (alugada ou cedida e, em geral, bastante insalubre), mesmo que estivessem em melhores condições de inserção urbana (áreas centrais das cidades de Natal e Parnamirim) e nas proximidades de outros parentes (e do possível apoio informal que isso representa).



Notou-se, no entanto, que, no discurso dos participantes, a condição de lar foi associada apenas à unidade de habitação, e não ao conjunto como um todo. Sob essa perspectiva, as 'relações de apego' e o 'status de lar' aparentam relacionar-se diretamente à família, abrangendo no máximo os vizinhos mais próximos, mas não se estende à comunidade e à localidade. Embora esta também seja uma situação esperável, dado o pouco tempo de moradia naquele local, também é algo preocupante, pois se reflete no pouco cuidado com os espaços públicos não imediatos, podendo trazer consequências a médio ou longo prazo, como o abandono dessas áreas, e mesmo sua ocupação por usuários não relacionados aos interesses comuns da comunidade, refletindo-se, por exemplo, na depredação de equipamentos entregues na inauguração (rever Figuras 03 e 04) ou mesmo na crescente situação de insegurança mesmo dentro do condomínio (que exigiria, por exemplo, a colocação de grades, como já acontece em algumas unidades). Nesse sentido, aproximadamente 50% dos usuários já relatam falta de segurança na área interna do condomínio e na sua relação com o entorno, o que mostra-se especialmente evidente nas respostas daquelas pessoas que residem nos blocos mais afastados da portaria.

Em termos de territorialidade percebe-se uma ‘subdivisão’ do conjunto habitacional em setores, com especial destaque para o fato dos moradores dos blocos mais próximos ao único acesso do condomínio dominarem o espaço próximo à guarita (frente do terreno), e dos residentes nos últimos blocos frequentarem os espaços no final do terreno (fundos), áreas mais depredadas. Segundo os participantes da pesquisa, estes dois grupos pouco se misturam. Mostrando seus pontos de vista antagônicos, os informantes da primeira área (frente) comentam que a segunda seria “ponto de encontro para vândalos” que frequentam o local à convite de alguns moradores; por sua vez, os informantes da segunda área (fundos) indicam que os primeiros seriam excessivamente impicantes e elitistas, dificultando o convívio coletivo.

Outro aspecto a ser incorporado a essa discussão é a taxa de condomínio, atualmente de R\$ 50,00. Muitos dos respondentes não entendem o motivo dessa taxa ser cobrada, afirmam haver grande inadimplência nesse campo e aparentam desconhecer a existência de compromissos e responsabilidades comuns (como impostos, limpeza, manutenção, reposição de peças, serviço de guarita, entre outros). Com isso, a arrecadação mensal do condomínio é reduzida, o que induz a diminuição da eficiência dos serviços prestados, definindo um ciclo-vicioso. Este, portanto, é mais um indicador da inexistência do sentido de comunidade, e mesmo da ausência de informações a respeito do que significa morar em um condomínio, podendo indicar a necessidade de instalação de um processo educativo nessa área.

CONCLUSÕES

Com o intuito de atender à demanda habitacional da população com renda de até três salários mínimos, tem sido elaborados projetos de complexos residenciais relativamente amplos, que acomodam uma quantidade de habitantes equivalente a pequenas cidades e bairros.

Relatada sucintamente nesse *paper* e corroborando estudos anteriores (ELALI, 1998), a pesquisa realizada no condomínio Waldemar Rolin, um empreendimento do programa ‘Minha Casa Minha Vida’ localizado em

Parnamirim, RN, fornece indicações a serem repensadas na elaboração de futuros projetos de habitações sociais multifamiliares, no intuito de não repetir algumas dos problemas detectados. Sua população, embora demonstre estar satisfeita com a nova moradia, gostaria de ter uma habitação mais confortável, no que se refere a cozinha e área de serviço mais amplas, ou mesmo um pequeno terraço, tem dificuldades para entender normas simples da convivência condominial (como o pagamento de taxas) e demonstra ter apego e cuidado com a moradia e áreas adjacentes, mas não estabelecer ligações com setores mais distantes o que dificulta o cotidiano do empreendimento.

O significado de lar, associado à ideologia da casa própria e à vida em família, em termos de tranquilidade e união, foi determinante para a compreensão tanto do pouco apego à moradia anterior quanto ao atual apego circunscrito à unidade habitacional, e não ao conjunto residencial como um todo.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **The Practice of Everyday Life**. University of California Press, Berkeley, 1984.

CHAWLA, L. Childhood Place Attachments. In: Altman, J. e LOW, S.M. (eds). **Place Attachments**. Nova York, Plenum Press, 1992.

CORREIO POPULAR. **Parnamirim: Prefeitura e CEF entregam hoje 496 apartamentos do programa Minha Casa, Minha Vida**. Acessado em 12 de Junho de 2013. Disponível em: <http://correiopop.wordpress.com/2011/11/14/parnamirim-prefeitura-e-cef-entregam-hoje-496-apartamentos-do-programa-minha-casa-minha-vida/>

ELALI, G. A. Dimensiones afectivas en La evaluación de habitaciones populares. In: SABUCEDO, J.M.; GACÍA-MIRA, R.; ARES, E.; PRATA, D. **Medio Ambiente y responsabilidad humana**. La Coruña, Espanha: Universidade da Coruña/ Universidade de Santiago de Compostela / Universidade de Vigo, 1998, p. 53-58.

ELALI, G. A. Mais do que paredes: algumas considerações sobre aspectos subjetivos da habitação. In: **Anais do II CTHAB**, Florianópolis, Nov/2006, s/p.

ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. F. Apego ao lugar. In: CAVALCANTE S.; ELALI, G. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011, p. 53-62.

GUNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, definições e implicações. In: PINHEIRO; J. Q.; GÜNTHER,

H. (Eds.), **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, pp.369-396.

ITTELSON, W. H. et al. **An introduction to Environmental Psychology**. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1974.

MOSER, G. **Environmental psychology: Competence and contours of a discipline - Comments based on the contributions**. *Psicologia USP*, 16(1/2), 2005, p. 279-294,

PROSHANSKY, H. M. *et al.* **Place-identity: Physical world socialization of the self**. *Journal of Environmental Psychology*. 3(1), 1983, p. 57-83.

RAPOPORT, A. **House Form and culture**. Milwaukee: University of Wisconsin, 1972.

ROMÉRO, M. A.; ORNSTEIN, S. W. **Métodos e Técnicas Aplicados à Habitação Social**. Porto Alegre: Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (ANTAC), Coleção HABITARE, 2003.

SMITH, S.G. The Essential Qualities of Home. **Journal of Environmental Psychology**. V. 14, 1994, p. 31-46.

SOMMER, B.; SOMMER, R. **A practical guide to behavior research: tools and techniques**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2002.

SPELLER, G. A importância da vinculação aos lugares. In: SOCKZA, L. (ORG.) **Contextos humanos e Psicologia Ambiental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 133-168.

TASSARA, E.T.O. *et al.* (Eds.) **Psicologia e ambiente**. São Paulo: EDUC, 2004.